

Crônicas Saberes – maio 2008

Adaptação e descobertas

Sonia Bonzi*



Enfrento o chegar a um mundo desconhecido, onde ainda não sei as regras, não entendo os códigos, não tenho amigos. Caminho sozinha pelas ruas do meu bairro burguês na tentativa de me familiarizar com o espaço, com as caras, com o comércio...

Meus olhos esbarram em outros e as pessoas, muito simpaticamente, me desejam um bom dia. Sorridentes, alguns deixam à mostra dentes de ouro ou a falta deles. Retribuo com sorrisos também amigáveis. Os seguranças, que estão por todos os lados, carregam com desenvoltura metralhadoras, submetralhadoras, espingardas, fuzis AR 15 ou “simples” pistolas 9mm, deixando-me pouco à vontade.

A posse de armas não tem controle e debaixo dos ternos os homens se sentem mais machos carregando seus revólveres. Tudo isso é resultado de uma longa história de dominação, de disparidades econômicas e sociais, de uma guerra civil recém-terminada e do enfraquecimento do Estado, que abriu espaço para o fortalecimento das máfias.

Algumas lojas e pequenas vendas são uma curiosidade à parte. Os balcões e prateleiras ficam atrás de grades e os compradores são atendidos através dos vãos entre uma barra de ferro e outra. Os comerciantes se mostram amáveis e se sentem protegidos emoldurados pelas barreiras que criaram. As janelas das casas têm grades, mas, para torná-las menos feias, penduram vasos com gerânios, samambaias, flores de seda, orquídeas...

Velhinhas sentadas nas calçadas vendem migalhas. Gosto de olhá-las e imaginar histórias. Grupos de índias, vestidas com saias longas, supercoloridas, têm o sorriso fácil e, acompanhadas de muitos filhos, comerciam pães e outros quitutes. Homens pedalam



bicicletas carregadas de frutas frescas cortadas e embaladas em sacos plásticos.

Atravessar ruas e avenidas pede muito cuidado. Os carros andam velozes e as faixas de pedestres nem sempre são respeitadas. Há muitos restaurantes de nacionalidades diversas. Aqui um espanhol serve "paella", acolá mexicanos vendem tacos, mais adiante uma cadeia americana anuncia *fast food*. Os hotéis têm padrão internacional, com saunas, piscinas, academias de ginástica, salões de reuniões e de festas, bares em terraços floridos...



As calçadas são desniveladas por conta das raízes das árvores, que reclamam por mais espaço. Prédios altos, de arquitetura moderna e arrojada, devassam casas e jardins. Avenidas, praças e parques têm muitas estátuas.

O comércio é movimentado e acha-se de tudo. Um grande número de salões de estética, clínicas de emagrecimento, de cirurgia plástica ou de rejuvenescimento anunciam milagres a preços módicos e denunciam as preocupações da elite guatemalteca com a vaidade.

Condomínios são cercados por altos muros e círculos de arame farpado, escondidos por buganvílias coloridas. Câmeras de televisão e vigias armados pretendem afastar assaltantes e miseráveis.

E eu, sempre curiosa, vago pelas ruas, sem grandes temores, sem me assustar com as histórias de violência, confiante na proteção do meu anjo da guarda.

* Sonia Bonzi é embaixatriz do Brasil na Guatemala.